



Biota Neotropica  
ISSN: 1676-0611  
cjoly@unicamp.br  
Instituto Virtual da Biodiversidade  
Brasil

Brazil, Tania K.; Almeida-Silva, Lina Maria; Pinto-Leite, Clarissa Machado; Lira-da-Silva, Rejane Maria;  
Lima Peres, Marcelo César; Domingos Brescovit, Antonio

ARANHAS SINANTRÓPICAS EM TRÊS BAIRROS DA CIDADE DE SALVADOR, BAHIA, BRASIL  
(ARACHNIDA, ARANEAE)

Biota Neotropica, vol. 5, núm. 1a, 2005, pp. 1-7  
Instituto Virtual da Biodiversidade  
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199114286013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

---

## ARANHAS SINANTRÓPICAS EM TRÊS BAIRROS DA CIDADE DE SALVADOR, BAHIA, BRASIL (ARACHNIDA, ARANEAE)

Tania K. Brazil<sup>1</sup>, Lina Maria Almeida-Silva<sup>1</sup>, Clarissa Machado Pinto-Leite<sup>1</sup>, Rejane Maria Lira-da-Silva<sup>1,3</sup>,  
Marcelo César Lima Peres<sup>1,2</sup> & Antonio Domingos Brescovit<sup>4</sup>

Biota Neotropica v5 (n1a) – <http://www.biotaneotropica.org.br/v5n1a/pt/abstract?inventory+BN012051a2005>

Recebido em 07/12/2003

Publicado em 01/02/2005

<sup>1</sup>Núcleo Regional de Ofiologia e Animais Peçonhentos (NOAP), Instituto de Biologia/UFBA. Campus Universitário de Ondina. Salvador, Bahia, Brasil, 40.170-210.

E-mail: [linamas@ufba.br](mailto:linamas@ufba.br), [claris@ufba.br](mailto:claris@ufba.br), [taniabn@ufba.br](mailto:taniabn@ufba.br), [rejane@ufba.br](mailto:rejane@ufba.br), [lap-zoo@ufba.br](mailto:lap-zoo@ufba.br)

<sup>2</sup>Centro de Ecologia e Conservação Animal (ECOA)/ Departamento de Zoologia/ Universidade Católica do Salvador. Av. Pinto de Aguiar, s/nº, Pituáçu, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: [mclperes@terra.com.br](mailto:mclperes@terra.com.br)

<sup>3</sup>Faculdade de Tecnologia e Ciência (FTC), Av. Luís Viana Filho, 8812, Salvador, Bahia, Brasil, 41820-785.

E-mail: [rejane.ssa@ftc.br](mailto:rejane.ssa@ftc.br)

<sup>4</sup>Laboratório de Artrópodes Peçonhentos, Av. Vital Brasil, nº1500, Instituto Butantan, São Paulo, SP, 05503-900.

E-mail: [anyphaenidae@butantan.gov.br](mailto:anyphaenidae@butantan.gov.br)

### Abstract

In order to evaluate which are the synanthropic spiders of Salvador and also to know if there exists any relationship between spider composition and time of urban occupation, this study analyzed 677 spiders, captured in three city neighbourhoods with different urbanization times: Santo Antonio Além do Carmo (300-400 years), Itapuã (100-300 years) and Pituba (less than 50 years). Sample size inside and outside of residences was calculated based on 10% district census and collections were carried out always by six collectors, who were also responsible for the interviews, totalling a sampling effort of 30 minutes/residence (n=71), from November/2002 to June/2003. Of a total of 329 adults, 13 species and 17 morpho-species distributed in 10 families, were recognized. Pholcidae (n=256), Oecobiidae (n=184) and Uloboridae (n=59) were the most abundant families. *Oecobius concinnus*, the only one Oecobiidae, appeared restricted to recent districts. Its unexpected absence in the oldest district suggests the existence of some limiting factor, that shows the need of more investigation on this poorly known species. In contrast, *Smeringopus pallidus* was more frequent in the oldest district and *Physocyclus globosus* (Pholcidae) occurred in all three. There was significant differences in species abundance and structural organization of residences between the more ancient and the more recent districts. Thus, we suggest that the fact that the buildings structure remained untouched throughout the years is as a factor that favours the permanence of these species.

**Key words:** *synanthropic, spiders, residences, Salvador.*

### Resumo

Para avaliar quais as aranhas sinantrópicas de Salvador e relacionar a sua distribuição com a estrutura física das residências, e a composição das espécies com o tempo de ocupação urbana, investigou-se 3 bairros escolhidos segundo sua idade aproximada: Santo Antônio Além do Carmo (300-400 anos), Itapuã (100-300) e Pituba (menos de 50). A base amostral para residências correspondeu a 10% do setor censitário, com 6 capturadores realizando entrevistas concomitantes às capturas, nos domicílios e peridomicílios. Foram coletados 677 aranhas, 329 adultos, identificados em 13 espécies e 17 morfoespécies, distribuídas em 10 famílias, de novembro 2002 a junho 2003, num esforço amostral de 30 minutos/domicílio (n=71) ou peridomicílio. Pholcidae (n=256), Oecobiidae (n=184) e Uloboridae (n=59) foram as três famílias mais abundantes. *Oecobius concinnus*, única espécie de Oecobiidae registrada, esteve restrita aos bairros recentes e a sua ausência inesperada no bairro mais antigo sugere a existência de algum fator restritivo à sua permanência, havendo necessidade de continuar a investigação. *Smeringopus pallidus* foi mais freqüente no bairro mais antigo e *Physocyclus globosus* (Pholcidae) ocorreu nos três bairros. Houve diferença significativa tanto na abundância das espécies como na estrutura física dos domicílios entre os bairros mais antigo e mais recente, indicando que as características coloniais do primeiro devem favorecer a permanência das espécies sinantrópicas identificadas, especialmente aquelas que têm hábito lucífugo e de permanência em cantos de paredes como as Pholcidae. A ocorrência das espécies mais freqüentes pode estar associada ao tempo de ocupação antrópica dos bairros da cidade.

**Palavras-chave:** *Sinanthropia, aranhas, domiciliar, peridomiciliar.*

## 1. Introdução

Salvador (13° S, 38°30' W) foi a primeira cidade fundada no Brasil no ano de 1549 e também sua primeira capital durante 214 anos, de 1549-1763. Seu centro primitivo começou a existir em algum dia do mês de abril de 1549 e, em 1563, a cidade tinha seus limites do Pelourinho à Praça Castro Alves, crescendo em direção ao sul (São Bento) e ao norte (Carmo). Na dupla condição de cidade fortaleza e centro administrativo, a cidade também passou a crescer em dois planos: cidade baixa, bairro da Praia, formando comprida rua à direita da Ribeira das Naus e das casas comerciais, e cidade alta, bairros de São Bento (incluindo Sé), Palma, Desterro, Saúde e Santo Antonio Além do Carmo (Tavares 2001).

Como a maioria das capitais, Salvador tem experimentado um crescimento demográfico significativo nos últimos anos. Apresenta, atualmente, uma densidade populacional de mais de 3.503,46 habitantes/km<sup>2</sup>, com uma área de 709,5 km<sup>2</sup> (SEPLANTEC 2002) sendo a 6ª região metropolitana mais populosa do país e a 3ª capital mais habitada (Portal de Salvador 2003). Conseqüentemente, o processo de urbanização ocorreu rapidamente e muitas vezes de maneira desordenada, caracterizando-se pela passagem de uma economia regional tipicamente agrícola para uma industrialização centralizada (SEPLANTEC 2002).

O domínio fitogeográfico onde se insere a cidade é de Mata Atlântica, já bastante alterada pelo processo de metropolização, embora algumas regiões da cidade transformadas em parques como o Metropolitano de Pituáçu, Joventino Silva, Metropolitano do Abaeté e o Zoobotânico, ainda apresentam fragmentos de Mata Atlântica em diferentes níveis de regeneração. Segundo Udvardy (1969) a alta urbanização deste século torna o estudo da influência humana um fator indispensável na dinâmica da zoogeografia moderna, pois a alteração do habitat pode permitir a dispersão ou extinção de populações endêmicas. Assim, a diminuição e/ou extinção desses fragmentos está ligada ao processo de urbanização, promovendo a adaptação de algumas espécies de animais ao novo ambiente e o afastamento de outras, ou seja, modificando a biodiversidade da região. Além disso, as altas concentrações de poluentes e altas temperaturas geradas nas cidades devido às construções antrópicas que impermeabilizam o solo, geram novos habitats caracterizados por uma baixa complexidade estrutural. Essa variação ambiental (praças, ruas, parques, cemitérios, jardins) cria uma diversidade de condições climáticas e estruturais, podendo permitir a permanência de uma fauna variada (Cavalheiro 1990).

Entre os artrópodes, os aracnídeos aproveitam os novos microhabitats oferecidos nos domicílios ou entre as habitações (peridomicílio). Algumas espécies não chegam a proliferar e são circunstanciais, enquanto outras colonizam estes microhabitats urbanos, adaptando-se bem, devido

principalmente à ausência de competidores, predadores e abundância de alimento (Jiménez 1998), adquirindo, portanto, hábitos sinantrópicos. As aranhas são carnívoras e consideradas predadores generalistas em ecossistemas terrestres (Breene et al. 1993; Wise 1993). Alimentam-se principalmente de insetos como besouros, grilos, baratas, gafanhotos, borboletas e colêmbolas, porém, formigas e moscas também são consideradas parte dessa dieta, além de pequenos vertebrados (Foelix 1996). É de conhecimento geral, que vários dos insetos acima citados são freqüentemente associados a ambientes domiciliares e peridomiciliares, devido o acúmulo de entulhos e lixo doméstico (Ministério da Saúde 2001).

Este trabalho teve como objetivo inventariar as aranhas sinantrópicas de Salvador, relacionando a sua distribuição com a estrutura física das residências. Considerando que os primeiros centros urbanos da cidade iniciaram em 1549 e que alguns deles permanecem sem modificações estruturais até hoje, como o Pelourinho e o Santo Antônio Além do Carmo, considerou-se nesse trabalho a possibilidade de relacionar a composição das espécies com o tempo de ocupação antrópica dos bairros da cidade.

## 2. Material e Métodos

Foram amostradas áreas de três bairros de Salvador, selecionados de acordo com o tempo de ocupação urbana desde a sua fundação: Santo Antônio Além do Carmo - SAAC (300-400 anos), Itapuã (100-300 anos) e Vila Militar da Pituba (menos de 50 anos). Embora o primeiro núcleo da cidade tenha sido a Vila Velha (atual bairro da Barra), onde Tomé de Souza desembarcou em março de 1549 (Tavares 2001), optou-se pelo bairro SAAC, por este ter se mantido sem muitas alterações na sua urbanização ao longo do tempo.

Considerou-se área amostral os setores censitários delimitados pelo IBGE (menor unidade de informação da área urbana dos distritos-sede – Censo Demográfico 2000) dos bairros selecionados. Foram consideradas áreas domiciliares: interior das residências, jardins e quintais. As coletas domiciliares corresponderam a 10% do total de casas que compunham cada setor percorrido (cerca de 20 casas por bairro). No peridomicílio foram amostrados ruas, praças, postes, telefones públicos, construções abandonadas, muros e calçadas.

### 2.1. Coletas

Foram realizadas nove coletas manuais diurnas, três por bairro, com esforço de meia hora/amostra por uma equipe de seis pessoas, nos domicílios e peridomicílios dos bairros amostrados. Os dados foram organizados em planilhas do programa Microsoft Excel para cálculos de freqüência e formação de tabelas e gráficos. O material coletado foi

identificado no Núcleo Regional de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia – NOAP. Os exemplares estão depositados em coleção científica no Museu de Zoologia da UFBA, sob o acrônimo UFBA-ara.

## 2.2. Análises

Para as análises de similaridade entre os ambientes (domiciliar e peridomiciliar) e entre bairros foi utilizado o índice de similaridade de presença e ausência de Jaccard, para comparar a abundância relativa das espécies entre os bairros foi utilizado o teste Qui-quadrado ( $\chi^2$ ) e para comparar a frequência de famílias o teste Anova um fator. Para as análises de diversidade, Shannon e para o índice de riqueza, Margaleff. Todos os testes foram analisados pelo Programa InStat-graphPad.

## 3. Resultados

Foram coletadas 677 aranhas agrupadas em 10 famílias (Tabela 1), sendo 329 (49,93%) adultos, dos quais foram identificadas 13 espécies e 17 morfoespécies (Tabela 2). Das famílias registradas, as três mais abundantes foram: Pholcidae (n=256), Oecobiidae (n=184) e Uloboridae (n=59) (Figura 1). A primeira e terceira foram mais frequentes no bairro mais antigo - SAAC (50,39 % e 57,14%, respectivamente), já Oecobiidae, apesar de representada por apenas uma espécie, *Oecobius concinnus* Simon, 1893, ocorreu quase que exclusivamente nos dois bairros mais recentes (99,46%). Pholcidae foi mais abundante nos domicílios, tendo apresentado alta frequência nesse ambiente em todos os bairros (SAAC=84,18%, Itapuã=97,43%, Pituba=93,87%), no entanto, as diferenças

não foram significativas ( $p=0,09$ ). As Oecobiidae não exibiram preferência pelos ambientes (48,91% peridomiciliar e 51,09% domiciliar).

O índice de similaridade de presença e ausência de Jaccard indicou uma baixa similaridade na composição das espécies entre os bairros: SAAC e Itapuã (19%), SAAC e Pituba (13%) e Itapuã e Pituba (19,2%). Dos 329 adultos coletados, cinco espécies representaram 82% do total de adultos: *Oecobius concinnus* (Oecobiidae) (n=128), *Physocyclus globosus* Taczanowski, 1874 (n=52), *Smeringopus pallidus* Blackwall, 1858 (n=40) (Pholcidae), *Zosis geniculata* Olivier, 1789 (n=36) (Uloboridae) e *Latrodectus geometricus* C. L. Koch, 1841 (n=14) (Theridiidae) (Tabela 2).

Foi encontrada diferença significativa entre a abundância relativa das espécies nos dois bairros mais distintos em relação ao tempo de ocupação: SAAC e Pituba ( $\chi^2=8,07$ ; gl=3;  $p<0,05$ ), SAAC e Itapuã ( $\chi^2=7,42$ ; gl=3;  $p<0,05$ ). No entanto, não foi encontrada diferença significativa entre os bairros mais recentes: Pituba e Itapuã ( $\chi^2=0,00097$ ; gl=2;  $p>0,05$ ). O. *concinnus* e *L. geometricus* ocorreram exclusivamente nos bairros recentes (Pituba e Itapuã), já *S. pallidus* e *Z. geniculata* foram mais frequentes no mais antigo (SAAC), sendo a primeira com ocorrência restrita a este bairro. *P. globosus* teve ocorrência constante nos três bairros. Com número menos expressivo foram identificadas as espécies: *Scytodes fusca* Walckenaer, 1837, *Hasarius adansoni* Audouin, 1826, *Plexipus paykulli* Audouin, 1826, *Menemerus bivitatus* Dufour, 1831, *Argiope argentata* (Fabricius, 1775), *Leucauge argyra* Walckenaer, 1842, *Nesticodes rufipes* (Lucas, 1846). As três últimas foram encontradas no ambiente domiciliar dos três bairros, mas apenas nos jardins e quintais.

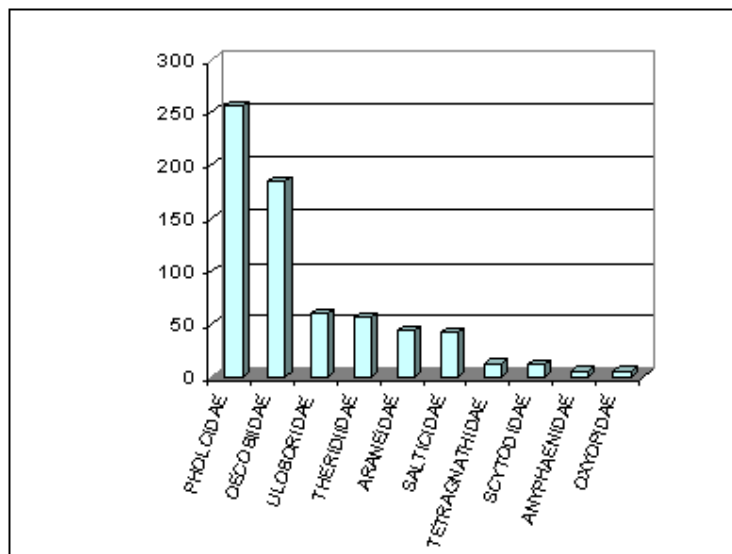


Figura 1 – Frequência das famílias de aranhas coletadas em três bairros da cidade de Salvador, Bahia, Brasil (novembro 2002 a julho 2003)

FAMÍLIAS	Sto. Antônio Além do Carmo						Itapua						Pituba						Total						Total	
	Domiciliar			Peridomiciliar			Domiciliar			Peridomiciliar			Domiciliar			Peridomiciliar			Domiciliar			Peridomiciliar				
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
ANYPHAENIDAE	0	0,00	0	0	0	0	0	0	0	0	5	2,82	1	0,9	5	1,14	1	0,43	6	0,89						
ARANEIDAE	4	2,92	0	0	5	3,85	2	3,21	26	14,69	6	5,5	30	6,83	8	3,43	43	6,35								
OECOBIDAE	0	0,00	1	1,6	38	29,2	37	59,7	52	29,38	56	50,9	90	20,50	94	40,34	184	27,18								
OXYOPIIDAE	0	0,00	1	1,6	2	1,53	0	0	2	1,13	1	0,9	4	0,91	2	0,86	6	0,89								
PHOLCIDAE	98	71,53	31	50	76	58,5	2	3,21	46	25,99	3	2,7	220	50,11	36	15,45	256	37,81								
SALTICIDAE	3	2,19	5	8,1	3	2,31	17	27,4	1	0,57	13	11,8	7	1,59	35	15,02	42	6,20								
SCYTODIDAE	0	0,00	0	0	1	0,78	0	0	3	1,69	7	6,4	4	0,91	7	3,00	11	1,62								
TETRAGNATHIDAE	10	7,30	1	1,6	0	0	1	1,62	1	0,57	0	0	11	2,51	2	0,86	13	1,92								
THERIDIIDAE	0	0,00	0	0	4	3,06	3	4,86	27	15,25	23	20,9	31	7,06	26	11,16	57	8,42								
ULOBORIDAE	22	16,06	22	35,5	1	0,78	0	0	14	7,91	0	0	37	8,43	22	9,44	59	8,71								
Total	137	100	61	98,4	130	100	62	100	177	100	110	100	439	100	233	100	677	100								

Tabela 1 - Abundância das famílias de aranhas coletadas em três bairros da cidade de Salvador, Bahia, Brasil (Novembro de 2002 a julho de 2003)

Espécies/Morfoespécies	Sto. Antônio Alén do Carmo						Itapuã						Pituba						Total						Total		
	Domiciliar			Peridomiciliar			Domiciliar			Peridomiciliar			Domiciliar			Peridomiciliar			Domiciliar			Peridomiciliar			Total		
	Nº	%		Nº	%		Nº	%		Nº	%		Nº	%		Nº	%		Nº	%		Nº	%		Nº	%	
Anyphaenidae sp1	0	0,00		0	0		0	0		0	0		2	2,44		0	0		2	0,88		0	0,00		2	0,61	
Anyphaenidae sp2	0	0,00		0	0		0	0		0	0		1	1,22		0	0		1	0,44		0	0,00		1	0,30	
<b>Total Anyphaenidae</b>	0	0,00		0	0		0	0		0	0		3	3,66		0	0		3	1,33		0	0,00		3	0,91	
<i>Alpaida argentea</i>	0	0,00		0	0		0	0		1	2,70		0	0,00		0	0		0	0,00		1	0,89		1	0,30	
Aranidae sp1	0	0,00		0	0		0	0		0	0		0	0,00		7	8,54		7	3,10		1	0,89		8	2,43	
Aranidae sp2	0	0,00		0	0		0	0		0	0		2	2,44		0	0		2	0,88		0	0,00		2	0,61	
<i>Argiope</i> sp	0	0,00		0	0		0	0		0	0		1	1,22		0	0		1	0,44		0	0,00		1	0,30	
<b>Total Araneidae</b>	0	0,00		0	0		0	0		0	0		1	1,22		0	0		1	0,44		0	0,00		1	0,30	
<i>Oecobius concinnus</i>	0	0,00		0	0		33	45,83		30	81,08		35	42,68		30	73,17		68	30,09		60	53,57		128	38,91	
<b>Total Oecobidae</b>	0	0,00		0	0		33	45,83		30	81,08		35	42,68		30	73,17		68	30,09		60	53,57		128	38,91	
Oxyopidae sp	0	0,00		1	2,94		0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		1	0,89		1	0,30	
Oxyopidae sp1	0	0,00		0	0,00		1	1,39		0	0,00		0	0,00		0	0,00		1	0,44		0	0,00		1	0,30	
<b>Total Oxyopidae</b>	0	0,00		1	2,94		1	1,39		0	0,00		0	0,00		0	0,00		1	0,44		0	0,00		2	0,61	
Pholcidae sp1	5	7,94		0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		5	2,21		0	0,00		5	1,52	
Pholcidae sp2	1	1,59		0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		1	0,44		0	0,00		1	0,30	
Pholcidae sp3	0	0,00		0	0,00		1	1,39		0	0,00		1	1,22		0	0,00		2	0,88		0	0,00		2	0,61	
<i>Menegonia</i> sp	0	0,00		0	0,00		5	6,94		0	0,00		0	0,00		0	0,00		5	2,21		0	0,00		5	1,52	
<i>Micropholcus faurol</i>	4	6,35		0	0,00		4	5,56		0	0,00		1	1,22		0	0,00		9	3,98		0	0,00		9	2,74	
<i>Physocyclus globosus</i>	11	17,46		1	2,94		23	31,94		0	0,00		14	17,07		3	7,32		48	21,24		4	3,57		52	15,81	
<i>Smeringopus pallidus</i>	26	41,27		14	41,18		0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		26	11,50		14	12,50		40	12,16	
<b>Total Polcidae</b>	47	74,60		15	44,12		33	45,83		0	0,00		16	19,51		3	7,32		96	42,48		18	16,07		114	34,65	
Salicidae sp1	1	1,59		1	2,94		0	0,00		1	2,70		0	0,00		0	0,00		1	0,44		2	1,79		3	0,91	
Salicidae sp2	0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		1	2,44		0	0,00		1	0,89		1	0,30	
Salicidae sp3	0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		1	2,44		0	0,00		1	0,89		1	0,30	
Salicidae sp4	0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		1	2,44		0	0,00		1	0,89		1	0,30	
<i>Hasarius adansoni</i>	0	0,00		0	0,00		1	1,39		1	2,70		0	0,00		0	0,00		1	0,44		1	0,89		2	0,61	
<i>Menemerus bivittatus</i>	0	0,00		0	0,00		1	1,39		1	2,70		0	0,00		0	0,00		1	0,44		1	0,89		2	0,61	
<i>Plesippus parkelli</i>	0	0,00		1	2,94		0	0,00		1	2,70		0	0,00		0	0,00		0	0,00		2	1,79		2	0,61	
<b>Total Salticidae</b>	1	1,59		2	5,88		2	2,78		4	10,81		0	0,00		3	7,32		3	1,33		9	8,04		12	3,65	
<i>Scytodes fuscus</i>	0	0,00		0	0,00		1	1,39		0	0,00		0	0,00		0	0,00		1	0,44		0	0,00		1	0,30	
<b>Total Scytodidae</b>	0	0,00		0	0,00		1	1,39		0	0,00		0	0,00		0	0,00		1	0,44		0	0,00		1	0,30	
<i>Leucauge argyra</i>	1	1,59		0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		1	0,44		0	0,00		1	0,30	
<b>Total Tetragnathidae</b>	1	1,59		0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		1	0,44		0	0,00		1	0,30	
<i>Nesticodes rufipes</i>	0	0,00		0	0,00		2	2,78		1	2,70		0	0,00		0	0,00		2	0,88		1	0,89		3	0,91	
Theridiidae sp1	0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		1	1,22		0	0,00		1	0,44		0	0,00		1	0,30	
Theridiidae sp2	0	0,00		0	0,00		0	0,00		0	0,00		2	2,44		0	0,00		2	0,88		0	0,00		2	0,61	
<i>Latrodectus geometricus</i>	0	0,00		0	0,00		0	0,00		1	2,70		9	10,98		4	9,76		9	3,98		5	4,46		14	4,26	
<b>Total Theridiidae</b>	0	0,00		0	0,00		2	2,78		2	5,41		12	14,63		4	9,76		14	6,19		6	5,36		20	6,08	
<i>Zosis geniculata</i>	14	22,22		16	47,06		0	0,00		0	0,00		6	7,32		0	0,00		29	12,83		16	14,29		36	10,94	
<b>Total Uloboridae</b>	14	22,22		16	47,06		0	0,00		0	0,00		6	7,32		0	0,00		29	12,83		16	14,29		36	10,94	
<b>TOTAL</b>	<b>63</b>	<b>100</b>		<b>34</b>	<b>100</b>		<b>72</b>	<b>100</b>		<b>37</b>	<b>100</b>		<b>82</b>	<b>100</b>		<b>41</b>	<b>100</b>		<b>226</b>	<b>100</b>		<b>112</b>	<b>100</b>		<b>329</b>	<b>100,00</b>	

Tabela 2- Frequência das espécies e morfoespécies de aranhas encontradas em ambiente domiciliar e peridomiciliar em três bairros de Salvador, Bahia, Brasil (novembro 2002 a março 2003)



#### 4. Discussão

As espécies *O. conccinus*, *S. pallidus*, *P. globosus*, *S. fusca*, *H. adansonii*, *P. paykulli*, *M. bivitattus*, *L. geometricus*, *N. rufipes* e *A. argentata*, amostradas durante as coletas são consideradas sinantrópicas (Brescovit 2002a, b; Santos & Gonzaga 2003), porém, a presença de *Z. geniculata*, *Micropholcus fauroti* e *L. argyra*, indicam que essa riqueza pode ser aumentada.

*O. conccinus* foi encontrada sobre paredes e muros, onde constroem minúsculas teias. Estes foram locais com as mesmas características daquelas observadas por Jiménez (1998) com as espécies *O. putus* e *O. annulipes* na cidade de Vivendas de La Paz, México, onde estas também constroem teias para capturar principalmente as formigas *Paratrechina longicornis* (Latreille) e *Solenopsis germinata* (Fabricius), consideradas pragas nessa cidade. Assim como nos folcídios, pelo seu tamanho e tipo de microhabitat, acabam muitas vezes passando despercebidos, o que garantiria a sua permanência nas residências. Recentemente, a revisão do gênero *Oecobius* na América do Sul (Santos e Gonzaga, 2003), demonstrou a sua ocorrência em algumas localidades do Brasil (Norte, Nordeste e Centro, estendendo-se para Sudeste, próximo ao litoral), no mesmo microhabitat urbano que *O. navus*, incluindo informações sobre a sua ocorrência em cavernas associada a fezes de morcegos. Os mesmos autores, indicam registros de *O. conccinus* para a Bahia, nos municípios de Itororó, Ilhéus, Caravelas e Ilha de Santa Bárbara (Arquipélago de Abrolhos). Dessa maneira, este trabalho estende a sua distribuição geográfica na Bahia para 462 km sentido norte, mantendo-se no litoral.

Os resultados indicam que o bairro mais antigo apresenta peculiaridade tanto qualitativamente quanto na abundância relativa às espécies identificadas. Essa relação pode estar associada não só à estrutura das construções coloniais, com tetos altos que dificultam a limpeza e entrada de luz, mas ao fato deste bairro ter permanecido quase sem modificações ao longo dos cerca de 400 anos de ocupação. No entanto, a ausência de *O. conccinus* neste bairro foi um resultado inesperado, na medida em que esta é uma espécie de hábito lucífugo e freqüentemente encontrada em cantos de paredes (Santos e Gonzaga, 2003). Sugere-se que exista algum fator que restrinja a sua ocorrência neste bairro e que mereça uma continuidade dessa investigação, visto que a sua distribuição e história natural ainda são pouco conhecidas.

Por outro lado, a semelhança encontrada na abundância relativa de espécies nos bairros mais recentes, onde as modificações de construção não são somente atuais e com vários enclaves de vegetação próximos às residências, mas também periódicas, pode indicar que aí as espécies estão em processo de adaptação ao ambiente antropizado. É o que poderia explicar a ocorrência de *L. geometricus* quase restrita ao bairro da Pituba, onde existem ainda muitas áreas de vegetação próximas às residências. Esta espécie ocorre em

ambientes domiciliares e peridomiciliares de todo o Brasil (Brescovit, 2002) e apesar de ser considerada por alguns autores como espécie de importância médica (Levi 1959 e 1967, Jiménez 1998, Brescovit 2002) com registros recentes de acidentes no Estado de São Paulo (Cardoso et al, 2003), não há notificação de acidentes no Estado da Bahia.

Dentre as outras espécies encontradas e menos freqüentes, *A. argentata* e *L. argyra*, ocorreram em locais e com comportamento esperado, como já constatado por Brescovit (2002a) em São Paulo, onde constroem teias orbiculares nos jardins, junto às residências. Os salticídios, *H. adansonii*, *P. paykulli* e *M. bivitattus*, também foram encontradas em ambientes urbanos como os registrados em São Paulo, ou seja, dentro ou ao redor das casas, nas paredes ou próximo a janelas e portas (Brescovit 2002a).

Podemos considerar neste trabalho, que, a ocorrência das espécies mais freqüentes encontradas, *O. conccinus*, *P. globosus*, *S. pallidus*, *Z. geniculata* e *L. geometricus*, podem estar associadas ao tempo de ocupação antrópica dos bairros da cidade, uma vez que muitas delas chegaram provavelmente com os primeiros ocupantes estrangeiros da cidade. Das cinco espécies acima citadas, pelo menos três são exóticas no país, *O. conccinus* tem origem caribenha, *P. globosus* provavelmente tem origem do mediterrâneo e *S. pallidus* foi introduzida da África do Sul.

#### 5. Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB pela concessão das bolsas de iniciação científica das segunda e terceira autoras. Aos estagiários do Núcleo Regional de Ofiologia e Animais Peçonhentos - NOAP, pelo apoio nas coletas. Aos líderes das Comunidades de Bairro, pelo auxílio junto aos moradores durante as coletas. Ao Chefe do Estado-Maior da 6ª Região Militar Luiz Antonio Roggia Pithan, pela permissão para entrada na Vila Militar. Ao CNPq e a Fapesp (processo nº 99/05446-8 - ADB).

#### 6. Referências Bibliográficas

- BRENE, R. G., DEAN, D. A., NYFFELER, M. & EDWARDS, G. B. 1993. Biology, predation ecology, and significance of spiders in Texas cotton ecosystems. Texas Agricultural Experiment Station Bulletin, vol. 1, p. 115 pp
- BRESCOVIT, A. D. 2002a. Aranhas, espécies sinantrópicas, acidentes e controle. Astral, Saúde Ambiental, 49: 24-27.
- BRESCOVIT, A. D. 2002b. Aranhas da cidade de São Paulo: Espécies de importância médica, sinantrópicas e controle. Biológico, São Paulo, 64 (1): 31-32.
- CARDOSO, J.L.C., BRESCOVIT, A.D. & HADDAD JR., V. 2003. Clinical aspects of human envenoming caused by *Latrodectus geometricus* (Theridiidae). São Paulo. J. Vemon. Anim. Toxins Ind. Trop. Dis., 9(2): 418.

- CAVALHEIRO, F. 1991. Urbanização e problemas ambientais. In Tank, S. M. (Org.) *Análise ambiental: Uma visão multidisciplinar*. Ed. Universidade Estadual Paulista, São Paulo.
- FOELIX, R.F. 1996. *Biology of Spiders*. 2ª ed. Oxford University Press. New York.
- JIMÉNEZ M., L. 1998. Aracnofauna asociada a las viviendas de la ciudad de la Paz, B.C.S., México. *Folia Entomol. Mex.*, 102: 1-10.
- LEVI, H. W. 1959. The spider genus *Latrodectus* (Araneae, Theridiidae). *Trans. Amer. Micros. Soc.* 78: 7-43.
- LEVI, H. W. 1967. Cosmopolitan and pantropical species of theridiid spiders (Araneae: Theridiidae). *Pacific Insects*, 9: 175-186.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. 2001. *Manual de diagnóstico e tratamento de acidentes por animais peçonhentos*. 2ª Edição. Brasília. Fundação Nacional de Saúde, 112p.
- SANTOS, A. J. & GONZAGA, M. O. 2003. On the spider genus *Oecobius* Lucas, 1846 in South America (Araneae, Oecobiidae). *Journal of Natural History*, 37: 239-252.
- SEPLANTEC. 2002. Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. *Anuário Estatístico da Bahia*. 16: 740p.
- TAVARES, L. H. D. 2001. *História da Bahia*. 10ª ed. revista e ampliada, EDUFBA.
- UDVARDY, M. D. F. 1969. Dynamic zoogeography In: *Dynamic zoogeography with special reference to land animals*. New York : Van Nostrand Reinhold Company, cap. 6, p. 3359-3365.
- WISE, D. H. 1993. *Spiders in ecological webs*. Cambridge University Press. Cambridge, U. K.

Título: Aranhas sinantrópicas de três bairros da cidade de Salvador, Bahia, Brazil (Arachnida, Araneae).

Autores: Tania K. Brazil, Lina Maria Almeida-Silva, Clarissa Machado Pinto-Leite, Rejane Maria Lira-da-Silva, Marcelo César Lima Peres & Antonio Domingos Brescovit

Biota Neotropica, Vol. 5 ( número 1a): 2005  
<http://www.biotaneotropica.org.br/v5n1a/pt/abstract?inventory+BN012051a2005>

Recebido em 07/12/2003 - Publicado em 01/02/2005

ISSN 1676-0611